

AS VARIEDADES REGIONAIS NO ENSINO DE ITALIANO: UMA ANÁLISE DOS MANUAIS *LINEA DIRETTA* E *RETE!*

Graziele Frangiotti*

Elisabetta Santoro**

Resumo: Baseados em fenômenos linguísticos marcados em diatopia, realizamos uma análise dos livros didáticos *Linea diretta* e *Rete!*, cuja finalidade central foi compreender o lugar ocupado pelas variedades regionais. A investigação foi estruturada a partir da observação dos diálogos e das explicações contidos nos livros do aluno e de exercícios e nos guias do professor. Os resultados apontam para um baixo grau de inserção de fenômenos das variedades regionais nos diálogos das duas obras. Quanto à inserção de explicações, a série *Rete!* inclui orientações para alunos e professores acerca de aspectos fonológicos; já *Linea diretta* promove raros momentos de reflexão, silenciando quase que por completo essa dimensão da variação.

Palavras-chave: Ensino de italiano. Variedades regionais. Livro didático.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ Como é de conhecimento geral, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira em contexto de instrução formal está centrado em duas figuras essenciais: o aprendiz e o professor.

Do ponto de vista do aprendiz, a construção do conhecimento de uma língua não materna é bastante complexa, requerendo não apenas motivação, mas também empenho constante e persistência. Do ponto de vista do professor, ensinar uma língua estrangeira não apenas requer uma sólida competência na língua ensinada, uma vez que sua produção constitui um modelo para o aprendiz, mas

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: grazielealtino@yahoo.com.br

** Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: esantoro@usp.br

também pressupõe que ele seja capaz de facilitar o processo de aprendizagem por meio de aulas interessantes e congruentes com uma visão interacional de língua.

Ciente dessa necessidade, as aulas precisam ser formuladas com vistas a auxiliar o aprendiz a desenvolver as quatro habilidades – falar, ouvir, ler e escrever – e prepará-lo para reconhecer e produzir enunciados em diferentes contextos situacionais, dos mais aos menos formais, nas modalidades oral e escrita, contendo ou não estruturas e léxico geograficamente marcados.

No caso específico do italiano, em que fatores históricos acarretaram profundas diferenças linguísticas nas 20 regiões que compõem o país, torna-se primordial que o aprendiz tenha oportunidade de entrar em contato com diferentes variedades regionais, a fim de que, tornando-se cada vez mais sensível a elas, ele seja capaz de compreender e interpretar corretamente aquilo que ouve ou lê.

Diante dessa realidade peculiar e sabendo que o livro didático constitui um importante (e por vezes único) norteador da atividade docente, cabe o questionamento sobre como esse tipo de material tende a apresentar a língua italiana, lançando luz, principalmente, sobre o lugar reservado para as variedades a partir das quais essa língua se edifica.

Nesse sentido, o presente trabalho examina *se e de que maneira* dois livros didáticos voltados para o ensino do italiano – *Linea diretta* e *Rete!* – tratam fenômenos marcados do ponto de vista sociolinguístico, concentrando-se na dimensão diatópica, devido à sua proeminência como fator de diferenciação linguística em território italiano.

Para atingirmos esse propósito, em um primeiro momento, realizou-se um levantamento da configuração atual da língua italiana, baseado em obras de referência na área da Sociolinguística, a partir do qual foram selecionados critérios linguísticos capazes de diferenciar as variedades regionais. Em seguida, analisaram-se todos os diálogos presentes nos dois manuais didáticos, bem como todas as páginas do livro do aluno e do guia do professor.

Antes de nos concentrarmos nos resultados obtidos a partir desses procedimentos, lançaremos as bases das reflexões teóricas que sustentam o presente trabalho, assim como detalharemos como ocorreram a seleção das séries didáticas e a definição dos traços linguísticos investigados.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Entre os anos 1960 e 1980, muitos foram os estudiosos que propuseram modelos de descrição das variedades linguísticas italianas (PELLEGRINI, 1972; SANGA, 1978; MIONI, 1983; SABATINI, 1984). Embora acreditemos que cada uma dessas obras tenha trazido à discussão pontos de vista importantes, baseamos-nos aqui, sobretudo, em *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*, de Gaetano Berruto (1987); *Le varietà dell'italiano*, de Lorenzo Coveri, Antonella Benucci e Pierangela Diadori (1998); e *Introduzione alla linguistica italiana*, de Alberto Sobrero e Annarita Miglietta (2007).

De acordo com essas últimas três obras, o italiano contemporâneo é composto pelas seguintes variedades: o italiano padrão (*standard*), o italiano *neostandard*, as variedades diafásicas, as variedades diastráticas, as variedades diaméticas e as variedades diatópicas.

Para Coveri, Benucci e Diadori (1998, p. 27-28)¹, quando se fala de italiano *standard*, entende-se um modelo de língua de referência que, pelo menos em teoria, corresponderia àquele sistema “que se ensina nas escolas para estudantes italianos e estrangeiros, que é usado em comunicados públicos, nos meios de comunicação de massa, nos documentos oficiais etc.”².

No âmbito da escrita, é mais fácil constatar a existência do italiano *standard*, uma vez que se trata da norma linguística respeitada e difundida por um número significativo de obras literárias produzidas nos últimos séculos. No que concerne à oralidade, porém, é difícil afirmar que existam falantes italianos que empreguem efetivamente esse modelo em seu dia a dia, pois isso acarretaria assumir que eles eliminam de suas produções, por exemplo, aqueles traços típicos da pronúncia regional, o que na prática não corresponde à realidade, visto que apenas uma parcela pequena de profissionais ligados ao campo da comunicação é treinada para uniformizar sua pronúncia, respeitando assim a pronúncia dita padrão.

No que diz respeito ao chamado italiano *neostandard*, trata-se de uma fração da língua nacional que é comum aos italianos, ou seja, um agrupamento de fenômenos linguísticos que são compartilhados pelos falantes nativos independentemente da região de proveniência ou do estrato social do qual fazem parte, constituindo, nas palavras de Berruto (1987, p. 175), “uma variedade de italiano, escrita e falada, que coincide em boa parte com o *standard* normativo, mas acolhe uma série muito ampla de fenômenos que no passado eram rejeitados ou desaconselhados pelo *standard*”³.

Da dimensão diafásica fazem parte dois grupos de variedades: um primeiro composto por variedades relacionadas ao assunto e à finalidade do ato comunicativo, chamadas de línguas especiais, associadas a determinados setores profissionais, como a língua da medicina, do direito, do *marketing*, entre outras; e um segundo grupo formado pelas variedades linguísticas que se relacionam ao contexto no qual a interação ocorre e, em particular modo, à maneira como os interlocutores interagem entre si, denominadas registros linguísticos.

Sobre o grupo em que se encontram os registros linguísticos, parece impróprio considerá-los como nitidamente separáveis, em razão da impossibilidade de identificar com precisão os limites que os separam. Portanto, atualmente, em vez de separá-los, deve-se empregar o conceito de *continuum*, que permite ao analista linguístico entender as variedades a partir da presença gradual de traços inseridos em um espaço entre dois polos, nos quais se encontram as duas variedades mais facilmente distinguíveis, nesse caso, o registro formal e o registro informal.

As variedades diastráticas pressupõem a presença de diferentes grupos sociais em uma comunidade de fala. Nessa dimensão, estão as variedades ligadas ao grau de instrução, à classe social, ao pertencimento a um grupo específico, à idade e ao gênero dos falantes. Nas obras de referência consultadas, são arrolados entre as variedades diastráticas: o italiano popular, o italiano culto, o italiano dos jovens, o italiano falado por imigrantes e o italiano dos homens e das mulheres.

1 Todas as traduções do italiano aqui presentes são de nossa autoria, exceto quando indicado.

2 “[...] è questa la lingua che si insegna nelle scuole a studenti italiani e stranieri, che si usa nelle comunicazioni pubbliche, nei mass media, nei documenti ufficiali e via dicendo.”

3 “[...] varietà d’italiano, scritta e parlata, che coincide in buona parte con lo standard normativo, ma accoglie una serie molto ampia di fenomeni in passato rifiutati o sconsigliati dallo standard.”

No eixo diamésico, há as variedades originadas pela pressão exercida pelo canal comunicativo. Nesse caso, as variedades refletem as mudanças operadas no enunciado para atender às exigências do canal oral, visual ou oral-visual. De modo geral, essa dimensão corresponde à tradicional diferenciação entre língua falada e escrita, tendo sido enriquecida mais recentemente pela hibridização entre diferentes modalidades, como a mistura entre fala e escrita, bastante frequente em mensagens trocadas por meio de instrumentos de mensagem instantânea, como ocorre em aplicativos como o WhatsApp, em fóruns *on-line*, nas redes sociais, entre outros.

Finalmente, na arquitetura do italiano contemporâneo, de grande destaque é o fator geográfico, tido pelos linguistas como aquele que mais exerce pressão em processos de variação e mudança linguística em território italiano. De fato, até mesmo percorrendo distâncias curtas, visitando cidades não muito distantes umas das outras, podem-se notar traços de diferenciação linguística que vão desde a pronúncia até contrastes relativos ao léxico e à morfossintaxe.

Segundo De Mauro (1972, p. 142), as variedades diatópicas seriam

[...] una nova risultante nascida da composição da tradição linguística italiana com as múltiplas tradições linguísticas dialetais: em outras palavras, elas se foram formando assim que os ambientes acostumados ao monolinguísmo dialetal (especialmente no que se refere ao uso falado) se esforçavam para usar a língua comum. Ao adotá-la, os dialetófonos, em medida variável de lugar para lugar, de uma camada social para outra e de um tipo de relação interindividual para outro, inseriram elementos lexicais do seu dialeto de origem e inclinaram essa língua comum aos comportamentos fonológicos e sintáticos dialetais⁴.

A classificação dos grupos de variedades regionais pode variar bastante de acordo com os critérios adotados pelos teóricos. Dardano e Trifone (1997), por exemplo, enumeram quatro grupos principais: 1. o italiano setentrional; 2. a variedade toscana; 3. a variedade romana; e 4. o italiano meridional.

Coveri, Benucci e Diadori (1998) dividem-nas em três grandes grupos: 1. as variedades setentrionais, que abarcariam as regiões Emilia Romagna, Friuli-Venezia Giulia, Liguria, Lombardia, Piemonte, Trentino-Alto Adige, Valle d'Aosta e Veneto; 2. a variedade toscana, falada apenas na região de mesmo nome; e 3. as variedades centro-meridionais, que abrangeriam os territórios de Abruzzo, Basilicata, Calabria, Campania, Lazio, Marche, Molise, Puglia, Umbria, Sicília e Sardegnia.

Paolo D'Achille (2006) duplica o número de grupos em relação ao esquema proposto por Coveri, Benucci e Diadori (1998) e acrescenta a variedade romana, a variedade siciliana e a variedade sarda. Sobrero e Miglietta (2007) excluem de seu modelo a variedade siciliana, mantendo inalterados os demais conjuntos de variedades.

Essa grande divergência entre os teóricos parece ser um reflexo do ainda reduzido número de pesquisas empíricas conduzidas com a finalidade de diferenciar ou aproximar uma variedade regional da outra, o que permitiria maior pre-

4 *"[...] una nuova risultante nata dal comporsi della tradizione linguistica italiana con le molteplici tradizioni linguistiche dialettali: in altri termini, esse si sono andate formando a mano a mano che gli ambienti abituati al monolinguismo dialettale (specie per quanto riguardava l'uso parlato) si sforzavano di usare la lingua comune. Nell'adottar questa, i dialettofoni, in misura variabile da luogo a luogo, dall'uno all'altro strato sociale e dall'uno all'altro tipo di rapporti interindividuali, vi hanno inserito elementi lessicali del loro dialetto d'origine e l'hanno piegata alle consuetudini fonologiche e sintattiche dialettali."*

cisão na descrição dos traços que compõem as variedades na delimitação das suas possíveis áreas de difusão.

Ainda que reconheçamos que a maioria dessas divisões propostas nasce muito mais da intuição dos linguistas que de pesquisas científicas empíricas, acreditamos que elas possam ser de interesse para esta investigação, pois, como contêm traços compartilhados por diversos linguistas, podem ser tomadas pelo menos como representativas das linhas de tendência do italiano atual.

No que se refere ao modelo “arquitetônico” de italiano a ser aqui adotado, trabalharemos a partir da estrutura desenhada por Coveri, Benucci e Diadori (1998), constituída, como se viu, por italiano setentrional, variedade toscana e italiano centro-meridional. Nossa escolha se deu com base no fato de essa categorização ter se revelado aquela com os traços linguísticos mais facilmente distinguíveis, sendo, portanto, mais apropriada para fins de pesquisa.

A INVESTIGAÇÃO: A SELEÇÃO DOS CRITÉRIOS E DOS LIVROS DIDÁTICOS E O PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Devido ao grande número de aspectos elencados como característicos das variedades regionais, optamos por restringir a análise dos livros didáticos ao campo morfosintático. Sendo assim, embora a bibliografia utilizada abarque fenômenos ligados à fonética e ao léxico, esses campos não serão aqui considerados.

No que concerne ao italiano setentrional, foram definidos quatro parâmetros:

- 1) Adição de *su* e *giù* em certas formas verbais.
- 2) Artigo definido antecedendo nomes próprios.
- 3) Pronomes e adjetivos demonstrativos com partículas adverbiais locativas às vezes incongruentes (como em *quella ragazza qui*).
- 4) Uso de *mia mamma*, *mio papà* sem artigo definido.

O primeiro traço corresponde aos chamados verbos sintagmáticos, ou seja, verbos formados pelo acréscimo de advérbios, originando formas como *tirare su* (sinônimo de *allevare* [criar]), *andare su* e *giù* (sinônimos de *salire* e *scendere* [subir e descer]) e *togliere giù*, usado no lugar de *togliere* (retirar).

O segundo critério é observado em frases como “*ho visto la Giovanna settimana scorsa*” [vi a Giovanna semana passada], na qual o artigo definido *la* é utilizado em virtude de Giovanna ser conhecida de ambos os interlocutores, inserção essa que não ocorre na produção de falantes de outras regiões italianas.

O terceiro critério relaciona-se ao acréscimo de partículas adverbiais justapostas a pronomes demonstrativos, como em “*e allora se tu puoi evitare di fare quella cosa lì*” [e então se você puder evitar fazer aquela coisa lá], em que há o demonstrativo *quella* e, em seguida, o advérbio *lì*, que o retoma para enfatizá-lo.

Foi examinada ainda a presença de estruturas como “*mia mamma mi preparava sempre delle minestre meravigliose*” [minha mamãe me preparava umas sopas maravilhosas], na qual, contrariando a norma *standard*, não foi empregado o artigo definido *la* antes do pronome possessivo que antecede os substantivos de parentesco alterados, nesse caso *mamma*, forma afetuosa de *madre* [mãe].

Para a análise da variedade toscana, concentramo-nos nos cinco aspectos a seguir:

- 1) Coocorrência de *passato remoto* e *passato prossimo*.
- 2) *Si* impessoal no lugar de *noi*.
- 3) Sistema demonstrativo com três unidades.
- 4) *Te* no lugar de *tu*.
- 5) Verbo no singular anteposto ao nome plural.

Como sustentado nas obras de referência, em área toscana, cabe ao falante escolher entre o *passato prossimo* ou o *passato remoto*, decisão que leva em conta a distância enunciativa que quer tomar com relação ao momento do acontecimento e o efeito que quer causar em seu interlocutor.

O segundo critério se relaciona à adoção da forma impessoal em enunciados nos quais em outras regiões se empregaria a primeira pessoa do plural, como em “*si va via*”, quando o *standard* preveria “*noi andiamo via*” [nós vamos embora].

Quanto ao sistema de demonstrativos, procurou-se investigar se nos diálogos usa-se *codesto* [este], cuja função é indicar pessoa, animal ou coisa próxima no tempo ou no espaço de quem escuta; ou se o sistema adotado foi aquele composto por apenas dois elementos: *questo*, que indica proximidade, e *quello*, que sugere distanciamento.

O quarto critério refere-se ao emprego do pronome pessoal de segunda pessoa do singular complemento direto “*te*” no lugar do pronome sujeito correspondente “*tu*”, originando frases como: “*te non arrivi oggi?*”, em vez de “*tu non arrivi oggi?*” [você não chega hoje?].

O último dos critérios da variedade toscana, além de ser marcado em diátopia, é tido como traço do italiano popular. Trata-se da ausência de concordância entre sujeito e verbo quando o sujeito plural é colocado após o verbo, como nas seguintes orações: “*si vede parecchie cose*”, no lugar de “*si vedono parecchie cose*” [se veem muitas coisas].

Na análise da variedade centro-meridional, foram considerados os seguintes aspectos:

- 1) Inversão entre *congiuntivo* e *condizionale* no período hipotético.
- 2) Prevalência de *passato remoto*.
- 3) *Stare* no lugar de *essere*.
- 4) *Tenere* no lugar de *avere*.
- 5) *Voi* como forma de cortesia no lugar de *Lei*.

O primeiro fenômeno diz respeito à inversão entre o *congiuntivo imperfetto* e o *condizionale presente* no período hipotético da possibilidade (ou de segundo tipo), que dá origem a frases como “*se mi diresti la verità, mi convincessi*”, à qual corresponde a frase *standard*: “*se mi dicessi la verità, mi convinceresti*” [se você me dissesse a verdade, me convenceria].

O segundo critério envolve o exame da prevalência do *passato remoto*, que seria empregado nessas regiões mais frequentemente que o *passato prossimo*,

substituído mesmo em situações em que a norma não o prevê, como em “*Ieri mangiai un gelato favoloso*” [ontem tomei um sorvete fabuloso].

Além desses traços morfossintáticos, selecionamos ainda o uso dos verbos “*tenere*” e “*stare*” no lugar, respectivamente, de “*avere*” e “*essere*”, como em: “*tengo fame*” [tenho fome] e “*qui non ci sta niente da fare*” [aqui não tem nada para fazer].

Como último aspecto, verificamos a opção pelo pronome de segunda pessoa do plural *voi* como forma cortês, quando no restante do país se adota a terceira pessoa do singular *Lei* em tais situações.

Após a definição dos critérios distintivos das variedades regionais, foco da investigação, procedemos à escolha das séries didáticas por meio de um formulário *on-line* enviado a 20 escolas no estado de São Paulo, no qual perguntávamos, entre outras coisas, qual era o livro didático adotado pela instituição de ensino naquele momento. Com isso, pretendíamos fazer o levantamento das coleções mais frequentemente utilizadas para o ensino da língua italiana no estado.

Com base nas respostas fornecidas, foi possível diagnosticar que sete delas usavam a coleção *Linea diretta*, três adotavam o livro *Rete!*, duas o manual *In italiano*, enquanto as demais informaram utilizar materiais próprios, como apostilas formuladas por professores.

Diante da impossibilidade de examinarmos todo esse conjunto de dados, selecionamos as duas séries que se revelaram as mais usadas em São Paulo, respectivamente *Linea diretta* e *Rete!*.

Para a realização da investigação, assumimos duas perspectivas distintas: uma que procurou verificar se os livros tratavam explicitamente as variedades regionais, fazendo menção direta a elas; e outra que tentou identificar se havia a inserção de traços marcados em diatopia como fonte para a instrução implícita, isto é, para a exposição aos fenômenos e possível tratamento por meio de atividades mais indiretas.

Com relação à perspectiva explícita, observamos todos os momentos em que explicações eram dirigidas aos aprendizes e aos docentes e separamos para posterior análise as explicitações sobre as variedades regionais. Essas explicações podiam tanto ser citações diretas ao nome de uma dada variedade quanto alusões a um fenômeno específico associado a uma dada variedade. Ao longo desse exame, concentramo-nos nas explicações gramaticais contidas nos livros do aluno e de exercício e nos guias do professor.

Já para a perspectiva implícita, foi escolhida a seção de apresentação de diálogos, pois, dado que nessa seção normalmente estão contidos os conteúdos novos a serem apresentados aos aprendizes, ela tende a ser compreendida como a atividade central da unidade didática, apresentando, portanto, maior complexidade do ponto de vista lexical e estrutural.

No que se refere à execução do levantamento das ocorrências dos fenômenos marcados em diatopia, procedemos à análise de todas as páginas dos seis volumes de livros envolvidos e coletamos 102 diálogos, divididos entre diferentes gêneros textuais, como telefonemas, discussões face a face, entrevistas, entrevistas de emprego, compras em lojas e restaurantes, entre outros.

Dos 102 diálogos que formam o *corpus* de análise, 34 pertencem à série *Linea diretta*: 16 extraídos dos dois primeiros volumes (de cada um foram retirados oito diálogos) e 18 do terceiro; enquanto os demais 68 textos foram retirados de *Rete!*: 27 do primeiro volume, 32 do segundo e nove do terceiro.

O ESPAÇO RESERVADO À VARIEDADE ITALIANA SETENTRIONAL

A Tabela 1 apresenta os resultados obtidos quando da busca de traços marcados diatopicamente representativos do italiano setentrional, falado nas regiões Emilia Romagna, Friuli-Venezia Giulia, Liguria, Lombardia, Piemonte, Trentino-Alto Adige, Valle d'Aosta e Veneto.

Tabela 1 – Resultados referentes à variedade setentrional

	LD1a	LD1b	LD2	R! 1	R! 2	R! 3
Adição de <i>su</i> e <i>giù</i> em certas formas verbais.	1/8	0/8	1/18	0/27	3/32	1/9
Artigos definidos antes de nomes próprios.	1/8	0/8	1/18	1/27	0/32	0/9
Pronomes demonstrativos com partículas adverbiais locativas incongruentes (<i>quella quì</i>).	0/8	0/8	0/18	0/27	0/32	0/9
Uso de <i>mia mamma</i> , <i>mio papà</i> sem artigo definido.	0/8	0/8	1/18	0/27	0/32	0/9

Confrontando os resultados das duas séries didáticas, salta aos olhos, antes de tudo, o baixo número de inserções de fenômenos característicos do italiano setentrional. De fato, dos 34 diálogos presentes na série *Linea diretta* e dos 68 no livro *Rete!*, somente cinco em cada uma das séries apresentam traços do italiano falado no norte do país e, ainda assim, com frequências de ocorrência bastante baixas.

A análise particularizada dos critérios permite dizer que em *Linea diretta* estão presentes três dos critérios examinados, enquanto o livro *Rete!* insere dois deles. Partindo da constatação de que *Linea diretta* insere mais características setentrionais, seria de pressupor que seus exercícios e explicações seguissem de alguma maneira essa tendência, abrindo espaço para comentários de ordem explícita. No entanto, não é isso que se averiguou na análise, já que se fala diretamente dessa variedade em apenas quatro momentos.

O primeiro trecho está no guia do professor do segundo volume. Nele se lê: “Menos difundida, e, aliás, decididamente limitada às regiões setentrionais do país, é, ao contrário, a forma ‘*dov’è che*’ [onde é que] presente na quinta fala” (*LINEA DIRETTA 2 – GUIDA DELL’INSEGNANTE*, p. 58)⁵.

A característica a que a citação se refere é a chamada *frase clivada*. Contrariando a bibliografia lida e as referências sobre o assunto (BERRUTO, 1987; COVERI; BENUCCI; DIADORI, 1998; SOBRERO; MIGLIETTA, 2007), que a colocam como elemento do italiano *neostandard*, os autores do livro didático a situam como traço do italiano setentrional. Poder-se-ia tratar de uma imprecisão quanto à variedade à qual o traço deveria ser atribuído ou, ainda, de uma confusão entre o construto clivado “*dov’è che*” e o não clivado “*dove che*”, este sim

5 “Meno diffusa, e anzi decisamente limitata alle regioni settentrionali del Paese, è invece la forma ‘*dov’è che*’ presente nella quinta battuta.”

marcado diatopicamente, como afirma Paola Benincà (1994, p. 160), explicando que construções do tipo “*non so quando che verrà*” [não sei quando que virá] ou “*dove che sei stato l’anno scorso?*” [onde que você esteve o ano passado], nas quais se observa um *che* justaposto ao pronome relativo ou interrogativo, são frequentes em conversas espontâneas entre falantes do Veneto, Trentino-Alto Adige e Friuli-Venezia Giulia, enquanto falantes lombardos e de outras regiões italianas consideram-nas totalmente desconhecidas.

O segundo comentário contido em *Linea diretta*, também extraído do guia do professor, porém dessa vez do terceiro volume, constitui:

No diálogo inicial as duas atrizes, ambas lombardas, elidiram a sílaba final da terceira pessoa plural do presente do verbo “avere”. Na reprodução dessas cinco falas, quisemos conservar a elisão para apresentar ao estudante uma variante regional, aliás, muito difundida (LINEA DIRETTA 2, p. 153)⁶.

Nessa citação, afirma-se que a variedade lombarda é muito difundida. A questão é, no entanto, citada marginalmente e sem maiores aprofundamentos, enquanto poderia ser de grande interesse para o aprendiz que o tema fosse tratado de forma mais específica, se fosse elucidado o motivo da difusão dessa variedade. Poderia ser mencionado, por exemplo, que a Lombardia é uma das regiões mais ricas da Itália e que se deve a isso a atribuição de prestígio à variedade linguística ali falada. Isso a torna, de fato, centro irradiador de modelos linguísticos que são copiados até mesmo por não lombardos, gerando a grande difusão à qual o manual faz referência.

O terceiro momento no qual se fala da variedade do norte da Itália diz respeito a um aspecto morfossintático: o uso do *passato remoto*. O trecho a seguir foi extraído do guia do professor do terceiro volume:

O passato remoto, ainda bastante vivo no uso cotidiano na Itália do sul e em boa parte do centro, aparece, ao contrário, muito mais raramente na língua falada das regiões setentrionais. O tempo, usado de qualquer modo muito mais pelas velhas gerações que pelas novas, permanece, não obstante, a forma de perfeito mais frequente na literatura (LINEA DIRETTA 2, p. 132)⁷.

A mesma questão é retomada ainda uma vez no livro de exercícios da série:

Este tempo [passato remoto] é cada vez menos frequente na língua falada (com exceção das regiões meridionais e da Toscana), mas permanece o tempo de narração da língua literária (também aqui com algumas exceções) (LINEA DIRETTA 2, p. 132)⁸.

Nesses dois trechos, os autores citam o *passato remoto* como característica marcada em diatopia, sendo relacionado às regiões do sul da Itália e à Toscana, em diamesia, na medida em que é usado mais em textos escritos que em textos falados, e em diastratia, quando, no primeiro excerto, se fala que os jovens ten-

6 “Nel dialogo iniziale le due speaker, entrambe lombarde, hanno eliso la sillaba finale della terza persona plurale del presente del verbo avere. Nella riproduzione di queste cinque battute abbiamo voluto conservare l’elisione per presentare allo studente una variante regionale del resto molto diffusa.”

7 “Il passato remoto, ancora piuttosto vivo nell’uso quotidiano nell’Italia del sud e in buona parte del centro, compare invece assai più raramente nella lingua parlata delle regioni settentrionali. Il tempo, usato in ogni caso molto più dalle vecchie generazioni che non dalle nuove, resta nondimeno la forma di perfetto più frequente nella letteratura.”

8 “Questo tempo [passato remoto] è sempre meno frequente nella lingua parlata (con l’eccezione delle regioni meridionali e della Toscana), ma rimane il tempo di narrazione della lingua letteraria (anche qui con qualche eccezione).”

dem a usá-lo mais raramente. Tais afirmações convergem com as reflexões de linguistas como Sobrero e Miglietta (2007, p. 70, tradução nossa):

No que diz respeito ao passato remoto, em conversas espontâneas e em escritos informais não emerge quase nunca; é usado, porém, por falantes cultos e semi-cultos em contextos formais em referência a eventos distantes; funciona em suma nesses contextos como forma de registro “alto”. Em falantes jovens, sempre setentrionais o passato remoto é limitado a textos narrativos não autobiográficos, tipicamente as fábulas, nas quais de qualquer maneira é usado de modo instável, e é muito mais frequente que em textos análogos de jovens da mesma idade do sul. No escrito mais formal se usa o passato remoto, independentemente da área geográfica⁹.

Observa-se assim que a variação entre *passato remoto* e *passato prossimo* e a distribuição do fenômeno no território italiano são bastante complexas. Ainda assim, tais características foram abordadas no manual, demonstrando que o livro não ignora as discussões na área da Sociolinguística e reforçando que é possível explicar o uso variável de determinadas estruturas linguísticas, sem que isso seja feito com o tom de censura, ou seja, sem que as estruturas sejam apresentadas como erros a serem evitados. Faz-se relevante dizer, no entanto, que o tratamento desse fenômeno provavelmente se deve à sua aceitação entre os gramáticos tradicionais e, portanto, ao fato de que a alternância entre esses dois tempos perfectivos já faz parte do italiano dito *standard*.

Se nos comentários do *Linea diretta* foram tratados três fenômenos da variedade setentrional, no manual *Rete!* a situação se mostrou bastante diferente, pois, além de orientações dirigidas aos professores, o livro procura propor aos aprendizes atividades que os façam perceber aspectos distintivos da variedade.

A título de exemplo, na ocorrência a seguir, extraída da quarta unidade do livro de classe do segundo volume, os autores se detêm sobre o italiano setentrional:

Na atividade 11 você escutou a senhora Porta falar da comida e da sua infância. A senhora Porta é uma falante da Itália do norte, mais precisamente de Milão. Vejamos algumas características dessa variedade de italiano. Os sons vocálicos /e/ e /ɛ/ tendem a ser pronunciados diferentemente da pronúncia standard, ou da pronúncia de um falante da Itália central. De fato, ao ouvido de um florentino ou de um romano, parece que um falante lombardo troque o “e” fechado pelo “e” aberto. [...] Nas variedades de italiano do norte o raddoppiamento sintattico [duplicação sintática] não existe (RETE! 2, p. 64)¹⁰.

São tratados aqui dois fenômenos fonológicos que caracterizam as variedades regionais: a abertura da vogal “e” e o chamado “*raddoppiamento sintattico*” [duplicação fonossintática], que se verifica quando a consoante inicial de uma palavra, em particulares condições, é duplicada na pronúncia, como em “*cosa*

9 “Per quanto riguarda il passato remoto, nella conversazione spontanea e nello scritto informale non emerge quasi mai; viene usato però da parlanti colti e semi-colti in contesti formali in riferimento a eventi lontani; funge insomma in questi contesti da forma di registro ‘alto’. In parlanti giovani, sempre settentrionali, il passato remoto è confinato a testi narrativi non autobiografici, tipicamente le favole, nei quali comunque è usato in modo instabile, ed è assai meno frequente che in testi analoghi di coetanei del Sud. Nello scritto più formale si usa il passato remoto, indipendentemente dall’area geografica.”

10 “Nell’attività 11 hai ascoltato la signora Porta parlare del cibo e della sua infanzia. La signora Porta è una parlante dell’Italia del nord, più precisamente di Milano. Vediamo alcune caratteristiche di questa varietà di italiano. I suoni vocalici /e/ e /ɛ/ tendono a essere pronunciati in modo diverso dalla pronuncia standard, o dalla pronuncia di un parlante dell’Italia centrale. Infatti, alle orecchie di un fiorentino o di un romano, sembra quasi che un parlante lombardo scambi la ‘e’ chiusa con la ‘e’ aperta. [...] Nelle varietà di italiano del nord il raddoppiamento sintattico non esiste”.

fai?”, pronunciado “cosaffai”, ou “*come te*”, pronunciado “comette”. O fenômeno é bastante frequente nas produções orais toscanas e centro-meridionais, mas ausente no italiano setentrional. Sobrero e Miglietta (2007, p. 86) ratificam as afirmações presentes no manual didático:

[...] a opposizione entre *e e* e *e e* e entre *o e* e *o* não tem valor fonemático: em outras palavras, não tem oposição de significado entre [*pesca*] (a atividade) e [*pesca*] (o fruto) entre [*botte*] (recipiente) e [*botte*] (golpes). Por esse motivo se verificam também inversões com relação ao italiano normativo: em correspondência com o standard [*bene*] se diz [*bene*]; [...] nunca tem raddoppiamento fonosintattico: [*k:asa*] > [*kaza*], [*'e f:orte*] > [*'e fôrte*]¹¹.

Evidencia-se com essa passagem de Sobrero e Miglietta (2007) a coerência entre as afirmações contidas no manual *Rete!* e os posicionamentos na área da Sociolinguística italiana.

Em outro momento, no terceiro volume do livro de classe desse mesmo manual, esclarece-se, assim como em *Linea diretta*, a diferença entre *passato remoto* e *passato prossimo*: “No italiano falado no norte e, em parte, no centro, usa-se o *passato prossimo* para indicar qualquer ação passada, no lugar do *passato remoto*. O *passato remoto* é utilizado quase exclusivamente na língua escrita” (*LINEA DIRETTA 2*, p. 154)¹².

Os trechos até aqui comentados trazem apenas informações quanto às características do italiano setentrional, mas o que chama mais a atenção é o fato de o livro *Rete!* incorporar exercícios relacionados a essa variedade. Normalmente, são atividades de compreensão auditiva, que proporcionam ao aprendiz o contato com diversos sotaques. O primeiro exercício com esse objetivo foi encontrado no terceiro volume. A seguir inserimos o enunciado:

*Você escutará agora alguns dos provérbios da unidade 1 pronunciados por alguns falantes regionais. Tente dizer se se trata do norte, do centro ou do sul da Itália. No fim da página você encontrará a solução desse quiz geográfico (RETE! 3: livro do aluno, p. 1)*¹³.

Em coerência com a visão de ensino de língua estrangeira aqui defendida, segundo a qual o ensino deve promover a sensibilização às variedades do italiano, esse tipo de exercício possui, sem dúvida, um papel de grande relevância, pois permite que o aprendiz entre em contato com os diferentes falares italianos e que, em situação de uso real da língua, tenha uma ideia da origem geográfica do seu interlocutor, além de compreender melhor o que ele lhe diz. Ademais, desenvolvendo em sala de aula atividades dessa natureza, o aprendiz poderá adquirir consciência de que, até em uma mesma região, não há completa homogeneidade fonológica.

No que tange à variedade setentrional, fica claro, portanto, que os fenômenos aparecem com baixa frequência em ambas as séries, o que demonstra que, nos

11 “[...] l’opposizione fra *e e* e *e e* e fra *o e* e *o* non ha valore fonemático: in altre parole, non c’è opposizione di significato fra [*pesca*] (l’attività) e [*pesca*] (il frutto) fra [*botte*] (recipiente) e [*botte*] (colpi). Per questo motivo si verificano anche delle inversioni rispetto all’italiano normativo: in corrispondenza dello standard [*bene*] si dice [*bene*]; [...] non c’è mai raddoppiamento fonosintattico: [*k:asa*] > [*kaza*], [*'e f:orte*] > [*'e fôrte*].”

12 “Nell’italiano parlato al Nord e, in parte, al Centro, si usa il *passato prossimo* per indicare qualsiasi azione passata, al posto del *passato remoto*. Il *passato remoto* si utilizza quasi esclusivamente nella lingua scritta” (grifos do autor).

13 “Ora ascolterai alcuni dei proverbi dell’unità 1 pronunciati da alcuni parlanti regionali. Prova a dire se si tratta del nord, del centro o del sud Italia. In fondo alla pagina troverai la soluzione di questo quiz geografico.”

diálogos, os traços dessa variedade não são considerados como foco do tratamento didático implícito. Por outro lado, a análise das páginas dos livros revelou que *Linea diretta* menciona apenas três fenômenos da variedade setentrional, enquanto *Rete!*, em concordância com as pesquisas em Sociolinguística, focaliza exercícios e explicações de alguns dos principais traços fonológicos da variedade, assumindo, assim, uma posição mais congruente com a visão de língua que se tem no campo científico.

AS MARCAS DA VARIEDADE TOSCANA NOS MANUAIS

Nos diálogos dos manuais didáticos, procurou-se identificar se a variedade toscana era tratada ou se ao menos sua importância como uma fundamental base da língua italiana era, em algum momento, revelada. Os resultados coletados e inseridos na Tabela 2 respondem ao primeiro desses questionamentos.

Tabela 2 – Resultados referentes à variedade toscana

	LD1a	LD1b	LD2	R! 1	R! 2	R! 3
Uso do <i>passato prossimo</i> e do <i>passato remoto</i> .	0/8	0/9	1/18	0/27	1/32	0/9
<i>Si impersonale</i> no lugar da primeira pessoa do plural (como em <i>noi si va</i>).	0/8	0/9	1/18	0/27	0/32	0/9
Sistema demonstrativo com três unidades (<i>questo, quello e codesto</i>).	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9
<i>Te</i> no lugar de <i>tu</i> (como em <i>te vai alla festa?</i>).	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9
Verbo singular anteposto ao nome plural (como em <i>si vede tante cose</i>).	0/8	0/9	1/18	0/27	0/32	0/9

Como é possível notar, mais uma vez, a análise das ocorrências de fenômenos marcados em diatopia revelou dados bastante escassos, em *Linea diretta* identificamos apenas três ocasiões, enquanto em *Rete!* apenas uma.

A análise do *corpus* constituído a partir de todos os diálogos presentes nos seis volumes estudados permitiu averiguar que em *Linea diretta 2* apenas um falante é declaradamente toscano. Nos demais casos, foram coletados apenas traços marcados em diatopia, que não podem, no entanto, ser atribuídos com certeza ao falar toscano, pois faltam informações complementares acerca da origem dos falantes.

É justamente na fala desse personagem toscano que foram encontrados dois fenômenos dessa variedade: o *si* impessoal no lugar da primeira pessoa do plural e o verbo no singular anteposto a nome no plural. O trecho do diálogo em que eles aparecem é o seguinte: “*Giornalista: Che cosa altro vendete, che quali altre...? Andrea: Mah, più che altro si cerca dei prodotti più artigianali che industriali*”¹⁴.

14 “Jornalista: O que mais vocês vendem, o que mais...? // Andrea: Ah, mais que qualquer outra coisa, *procuram-se produtos* mais artesanais que industriais.”

A situação da qual é extraído esse trecho constitui uma entrevista, na qual um jornalista faz perguntas sobre a vida de seu interlocutor, Andrea, personagem apresentado como proveniente de Siena, cidade situada no sul da região da Toscana.

Respondendo ao jornalista, Andrea procura evidenciar como administra o comércio que montou com sua família após terem ido viver na Alemanha. Na explicação reproduzida, o entrevistado usa a variante toscana em “*si cerca*” (procura-se), em que há um uso impessoal do verbo *cercare* no lugar da forma conjugada na primeira pessoa do plural do presente do indicativo “*cerchiamo*” (procuramos) prevista pelo italiano *standard*, na medida em que a pergunta do jornalista é formulada na segunda pessoa do plural.

No mesmo excerto, próximo ao verbo *cercare*, há a formulação “*si cerca dei prodotti*”, na qual o verbo conjugado no singular “*cerca*” contraria a regra *standard* segundo a qual o objeto direto no plural “*dei prodotti*” requereria um verbo também conjugado no plural, o que originaria a proposição “*si cercano dei prodotti*”.

Ainda nesse volume, nos últimos diálogos da obra, um personagem pede emprestado ao seu amigo um livro que gostaria de ler. Eis aqui como realiza o seu pedido:

Massimo: Sentì, io domani vado a Bologna e non so se a te dispiace o meno comunque oserei chiederti in prestito questo libro per leggerlo sul treno, non so...

Alessandro: Mmm, perché vorresti leggerlo sul treno.

Massimo: Sì, sì, sì, mi interessa perché lessi tempo fa la recensione di questo libro, non mi ricordo dove, e appunto la recensione mi stuzzicava un pochino, allora ho pensato: “Mah, adesso glielo chiedo”¹⁵.

Na segunda fala de Massimo, o verbo *leggere* é conjugado no tempo *passato remoto* (*lessi*), enquanto *pensare* é conjugado no *passato prossimo* (*ho pensato*). A coocorrência desses dois tempos pode ser associada à variedade toscana, uma vez que os italianos do centro-sul tendem a preferir o primeiro tempo e os do norte empregam, segundo a bibliografia consultada, quase exclusivamente o segundo. Todavia, devido ao desconhecimento da origem desses falantes, é impossível assegurar se essas duas variantes foram colocadas ali para representarem um traço do italiano toscano ou se, ao contrário, se trata apenas de uma casualidade.

No livro *Rete!*, a ausência de indicações quanto à proveniência dos personagens é constante. Não há nenhum falante declaradamente toscano, e foi detectada apenas uma construção linguística que poderia ser atribuída a essa variedade. Trata-se, também aqui, da coocorrência entre *passato remoto* e *passato prossimo*, presente na conversa entre dois amigos:

Maria: Volevo farlo [ricostruire la storia degli antenati] un paio d’anni fa, appena finita la scuola, ma poi ho cominciato a pensare al viaggio in Italia...

Sandro: E la famiglia di tua madre?

15 “Massimo: Escuta, amanhã eu vou para Bologna e não sei se te desagrada ou não, de qualquer modo ousaria te pedir emprestado esse livro para ler no trem, não sei...// Alessandro: Mmm, porque você queria ler no trem. // Massimo: Sim, sim, sim, interessa-me porque eu li há algum tempo uma resenha desse livro, não me lembro onde, e, isso mesmo, a resenha me provocava um pouquinho, então pensei: ‘Ah, agora peço para ele’”.

*Maria: Il bisnonno, il padre di mio nonno era italiano. Aveva vissuto fino all'età di dieci anni in Italia, in un paese vicino a Salerno, poi lasciò il suo paese e arrivò in Argentina con tutta la sua famiglia nel 1904.*¹⁶

As conjugações dos verbos *lasciare* e *arrivare*, no *passato remoto*, e do verbo *cominciare*, no *passato prossimo*, marcam o uso em concordância com o previsto pelo italiano toscano. Nesse caso específico, porém, o emprego dos dois tempos por uma mesma falante não parece querer representar a variedade toscana, uma vez que Maria, a personagem que o produz, é estrangeira. Desse modo, a coocorrência desses dois tempos parece estar associada muito mais a um anseio do livro em representar o ideal de proficiência a ser atingida pelo aprendiz estrangeiro que a uma possível filiação da falante à variedade regional toscana.

Voltando-nos agora para as atividades e explicações contidas nos dois livros, pudemos constatar que não há no *Linea diretta* nenhum tipo de referência à variedade toscana. No manual *Rete!*, por sua vez, cita-se essa variedade em pelo menos quatro momentos, nos quais aspectos da fonologia toscana são comparados àqueles da variedade centro-meridional e setentrional. Exemplo desse tipo de inserção ocorre no trecho a seguir, retirado da unidade 14 do segundo volume do manual do professor:

*O segundo traço é com certeza o mais reconhecível e aquele mais conhecido, trata-se da pronúncia aspirada de /p/, /t/ e /k/ intervocálicos (a chamada "gorgia toscana"). [...] Também a característica sucessiva é típica do italiano toscano especialmente a pronúncia /ʒ/ em vez de /dʒ/. [...] Finalmente, se o considera oportuno, pode dizer aos seus estudantes que enquanto até há algumas décadas a pronúncia toscana equivalia à pronúncia italiana (exceto pela gorgia), hoje não é mais assim. Aliás, a distância entre o italiano neo-standard e o toscano é cada vez maior: assim o italiano falado na Toscana é considerado pelos outros falantes italianos como um italiano marcado regionalmente, não particularmente prestigioso (RETE! 2, p. 166)*¹⁷.

Esse trecho permite verificar que, ao menos nesse manual, o professor é insuado a discutir com os alunos o lugar da pronúncia toscana no panorama do italiano como língua nacional, orientando-os a esclarecer que essa variedade não é sentida como particularmente prestigiosa e reafirmando a sua afinidade com as atuais pesquisas na área, características que colocam *Rete!* como um manual bastante inovador, na medida em que aborda explicitamente traços importantes da fonologia da língua italiana e os significados a eles atribuídos.

ASPECTOS DA VARIEDADE CENTRO-MERIDIONAL NOS LIVROS DIDÁTICOS

Assim como feito no caso das outras duas variedades regionais, foram procurados nos diálogos traços relativos ao grupo da variedade centro-meridional,

16 "Maria: Queria fazer isso [reconstruir a história dos antepassados] há uns dois anos, assim que terminei a escola, mas depois comecei a pensar na viagem para a Itália... / Sandro: E a família da tua mãe? / Maria: O bisavô, o pai do meu avô era italiano. Tinha vivido até a idade de 10 anos na Itália, em uma cidade perto de Salerno, depois deixou a sua cidade e chegou à Argentina com toda a sua família em 1904."

17 "Il secondo tratto è sicuramente il più riconoscibile e quello maggiormente conosciuto, si tratta della pronuncia aspirata di /p/, /t/ e /k/ intervocalici (cosiddetta "gorgia toscana"). [...] Anche la caratteristica successiva è tipica dell'italiano toscano specialmente la pronuncia /ʒ/ invece di /dʒ/. [...] Infine, se lo ritiene opportuno, può dire ai suoi studenti che mentre fino ad alcuni decenni fa la pronuncia toscana equivaleva alla pronuncia italiana (eccetto che per la gorgia) oggi non è più così. Anzi, la distanza tra italiano neo-standard e toscano è sempre maggiore: quindi l'italiano parlato in Toscana è sentito dagli altri parlanti italiani come un italiano marcato regionalmente, non particolarmente prestigioso."

falado em Abruzzo, Basilicata, Calabria, Campania, Lazio, Marche, Molise, Puglia, Umbria e Sicília. Os resultados dessa busca se encontram na Tabela 3.

Tabela 3 – Resultados referentes à variedade centro-meridional

	LD1a	LD1b	LD2	R! 1	R! 2	R! 3
Inversão dos modos no período hipotético da possibilidade.	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9
Prevalência do <i>passato remoto</i> .	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9
<i>Stare</i> no lugar do <i>essere</i> .	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9
<i>Tenere</i> no lugar de <i>avere</i> .	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9
<i>Voi</i> como forma de cortesia no lugar de <i>Lei</i> .	0/8	0/9	0/18	0/27	0/32	0/9

Os números gerais resultantes da análise dos diálogos são nulos e não diferem de uma série para outra. É evidente que essa é a variedade com o menor número de critérios inseridos nos livros, já que nenhum dos seis fenômenos foi encontrado em nenhum momento.

No que diz respeito às explicações presentes nos livros, constatamos que em *Linea diretta* não são feitas referências explícitas aos traços da variedade centro-meridional. O livro *Rete!*, no entanto, confirma a tendência em descrever aspectos fonológicos relativos às variedades regionais, incluindo dessa vez as variedades siciliana, romana, campana e calabresa.

De modo mais específico, as elaborações em *Rete!* dirigidas aos aprendizes dividem-se em apresentação do aspecto linguístico e atividade de reconhecimento da característica focalizada.

O trecho a seguir exemplifica esse tipo de proposta: “Camilleri é siciliano e os seus romances são ricos de palavras e construções que recordam os dialetos meridionais. Leia novamente o texto e ligue as palavras evidenciadas à sua tradução em italiano” (*RETE! 2*: livro do aluno, p. 33)¹⁸.

O manual *Rete!* menciona também a variação entre as variantes verbais *stare* e *essere*, esclarecendo seu uso aos aprendizes na terceira unidade do terceiro volume do livro de classe:

Um outro traço bastante difundido nas falas meridionais é o uso de stare [estar] no lugar de essere [ser]. Em algumas expressões o uso de stare no lugar do essere entrou no italiano standard: La tua amica mi sta antipatica! Anche tu le stai sulle scatole! (RETE! 3: livro do aluno, p. 33)¹⁹.

Com base nesse tipo de explicação, é possível dizer que *Rete!* dá espaço para uma abordagem não normativa da língua, na medida em que explicita aos aprendizes que existem diferentes alternativas para se expressarem os mesmos significados, contudo a série não explica mais aprofundadamente em que tipo de frase o uso de *stare* é considerado meridional, tampouco oferece exemplos

18 “Camilleri è siciliano e i suoi romanzi sono ricchi di parole e costruzioni che ricordano i dialetti meridionali. Leggi nuovamente il testo abbinando le parole evidenziate alla loro traduzione in italiano.”

19 “Un altro tratto abbastanza diffuso nelle parlate meridionali è l’uso di stare al posto di essere. In alcune espressioni l’uso di stare al posto di essere è entrato nell’italiano standard: La tua amica mi sta antipatica! Anche tu le stai sulle scatole!”

relativos a ele, restringindo-se às exemplificações quanto aos modos de dizer já incorporados ao *standard e*, portanto, não mais marcados diatopicamente.

Com esses dados fica evidente que a série *Linea diretta* silencia quase que por completo a variedade regional falada no centro-sul da Itália, não a incorporando nem nos diálogos nem ao longo de suas explicações; enquanto o manual *Rete!* trata alguns de seus aspectos, ainda que nos diálogos não os insira em nenhum momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mente o propósito desta investigação de examinar o lugar das variedades regionais em manuais didáticos italianos, podemos afirmar que, no geral, ainda é bastante limitada a abordagem de fenômenos variáveis, pelo menos nas duas séries aqui consideradas.

Como pudemos apurar, há variedades praticamente esquecidas pelos livros, como é o caso da variedade centro-meridional, enquanto outras recebem maior atenção, como parece ser o caso do italiano setentrional.

De modo mais específico, o estudo realizado constatou que, no que concerne à variedade setentrional, houve baixo índice de incorporação de fenômenos nos diálogos, já que, em cada um dos manuais, encontramos apenas cinco ocorrências. Do ponto de vista dos comentários contidos, no *Linea diretta*, faz-se menção a três traços: frase clivada “*dov'è che*”, elisão do verbo *avere* e diferenciação entre o uso do *passato prossimo* e do *passato remoto*. No livro *Rete!*, são citados fenômenos ligados à fonologia e são promovidos exercícios com foco nessa variedade.

Sobre a variedade toscana, apenas o *Linea diretta* insere diálogo com falante toscano e aborda três aspectos dessa variedade: a coocorrência de *passato prossimo* e *passato remoto*, o emprego de *si impersonale* e a conjugação de verbos no singular antepostos a sujeitos no plural. Quanto às referências explícitas, apenas *Rete!* trata aspectos fonológicos da variedade, ainda que não os integre aos diálogos e não dê atenção a outros campos, como o morfossintático ou o lexical.

Finalmente, no que tange à variedade centro-meridional, encontramos resultados nulos para a inserção nos diálogos, o que revela a inexistência de conversas entre falantes meridionais em ambas as coleções. Na série *Linea diretta*, além disso, não se faz alusão a essa variedade em nenhum momento. Na direção oposta, o manual *Rete!* insere explicações sobre aspectos fonológicos, bem como sobre elementos lexicais típicos dessa variedade.

A nosso ver, ainda que *Rete!* integre mais aspectos em suas explicitações, não se tem em nenhuma das duas obras um aprofundamento adequado, capaz de preparar o aprendiz para a realidade italiana, na qual o aspecto diatópico é justamente aquele que mais fortemente influencia a variação linguística.

Dessa maneira, o aprendiz, se exposto somente a esse material, dificilmente desenvolverá competência receptiva satisfatória para perceber as particularidades das diferentes variedades regionais italianas, podendo até mesmo ter dificuldade para compreender corretamente enunciados produzidos nessas variedades.

Diante dessa constatação, torna-se extremamente importante que o professor preocupado em desenvolver a habilidade receptiva de seus alunos leve à sala de aula amostras da língua oral e escrita que contenham fenômenos das variedades regionais e que, a partir desse insumo, formule atividades voltadas

para a reflexão e para a sensibilização acerca da variação linguística, com o objetivo de propiciar que o aprendiz compreenda que as variedades estão presentes em todas as línguas naturais e que, embora possam ser avaliadas positiva ou negativamente pelos membros da comunidade de fala, todas são igualmente legítimas. A nosso ver, somente assim o ensino de língua estrangeira pode desempenhar um papel de relevo no processo de diminuição e progressiva eliminação do preconceito linguístico não apenas em benefício da língua estudada, mas também, e talvez principalmente, em relação à própria língua materna dos aprendizes.

THE REGIONAL VARIETIES IN ITALIAN TEACHING: AN ANALYSIS OF THE TEXTBOOKS *LINEA DIRETTA* AND *RETE!*

Abstract: Based on some diatopic phenomena, we performed an analysis of the textbooks *Linea diretta* and *Rete!*, whose central purpose was to understand the place occupied by regional varieties. The analysis was structured from the observation of the dialogues and explanations in the student's books, exercises and in the teacher's guides. The results point to a low degree of insertion of phenomena of the regional varieties in the dialogues of the two textbooks. As for the insertion of explanations, *Rete!* includes guidance for students and teachers on phonological aspects; *Linea diretta* promotes rare moments of reflection, silencing almost completely that dimension of variation.

Keywords: Italian teaching. Regional varieties. Textbook.

REFERÊNCIAS

- BENINCÀ, P. Che cosa ci può dire l'italiano regionale. In: DE MAURO, T. *Come parlano gli italiani*. Scandicci: La Nuova Italia, 1994. p. 157-165.
- BERRUTO, G. *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987.
- CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Linea Diretta nuovo 2: corso di italiano per principianti*. Perugia: Guerra, 1997a.
- CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Linea Diretta nuovo 2: corso di italiano per principianti (Guida per l'insegnante)*. Perugia: Guerra, 1997b.
- CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Linea Diretta nuovo 1A: corso di italiano per principianti*. Perugia: Guerra, 2005a.
- CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Linea Diretta nuovo 1A: corso di italiano per principianti (Guida per l'insegnante)*. Perugia: Guerra, 2005b.
- CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Linea Diretta nuovo 1B: corso di italiano per principianti*. Perugia: Guerra, 2005c.
- CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Linea Diretta nuovo 1B: corso di italiano per principianti (Guida per l'insegnante)*. Perugia: Guerra, 2005d.
- COVERI, L.; BENUCCI, A.; DIADORI, P. *Le varietà dell'italiano: manuale di sociolinguistica italiana*. Siena: Università per Stranieri di Siena; Roma: Bonacci, 1998.

- D'ACHILLE, P. *L'italiano contemporaneo*. Bologna: Mulino, 2006.
- DARDANO, M.; TRIFONE, P. *La nuova grammatica della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli Editore, 1997.
- DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza, 1972.
- MEZZADRI, M.; BALBONI, P. E. *Rete! 1: corso multimediale di italiano per stranieri*. Perugia: Guerra Edizioni, 2000.
- MEZZADRI, M.; BALBONI, P. E. *Rete! 1: corso multimediale di italiano per stranieri (Guida insegnante)*. Perugia: Guerra Edizioni, 2001a.
- MEZZADRI, M.; BALBONI, P. E. *Rete! 2: corso multimediale di italiano per stranieri*. Perugia: Guerra Edizioni, 2001b.
- MEZZADRI, M.; BALBONI, P. E. *Rete! 2: corso multimediale di italiano per stranieri (Guida insegnante)*. Perugia: Guerra Edizioni, 2001c.
- MEZZADRI, M.; BALBONI, P. E. *Rete! 3: corso multimediale di italiano per stranieri*. Perugia: Guerra Edizioni, 2002a.
- MEZZADRI, M.; BALBONI, P. E. *Rete! 3: corso multimediale di italiano per stranieri (Guida insegnante)*. Perugia: Guerra Edizioni, 2002b.
- MIONI, A. Italiano tendenziale: osservazioni su alcuni aspetti della standardizzazione nell'italiano. In: MIONI, A. *Scritti linguistici in onore di Giovan Battista Pellegrini*. Pisa: Pacini, 1983. p. 495-517. 2 v.
- PELLEGRINI, G. B. *Introduzione all'Atlante Storico-Linguistico-Etnografico Friulano*. Padova: Istituto di Glottologia dell'Università di Padova, 1972.
- SABATINI, F. *La comunicazione e gli usi della lingua: pratica, analisi e storia della lingua italiana*. Torino: Loescher, 1984.
- SANGA, G. La situazione linguistica in Lombardia. In: *Il paese di Lombardia*. Milano: Garzanti, 1978.
- SOBRERO, A. A.; MIGLIETTA, A. *Introduzione alla linguistica italiana*. 2. ed. Bari: Laterza, 2007.

Recebido em 11 de julho de 2019.

Aprovado em 27 de agosto de 2019.